

## **Carta de «rentrée»**

Caros amigos, queridos alunos,

Espero que tenhais passado boas férias e que estejais recuperados dos esforços despendidos na ajuda ao Dojo TenChi.

Após a correspondência que trocámos para a organização dos trinta anos do Dojo TenChi, pensei que seria simpático continuar a escrever-vos, em francês e em português, a fim de vos dar novas do Dojo e isto uma vez por mês. Será também uma oportunidade para partilhar convosco reflexões sobre as nossas práticas.

Quero ainda agradecer aos que me escreveram em resposta à minha última carta. Responder-lhes-ei pessoalmente ou através dos meus textos.

O Dojo é como as Belas Artes. Nele se cultiva a beleza. Deve ser um lugar de cultura, um lugar espiritual de encontro. Não um lugar para privilegiados nem uma ferramenta de alienação. As reflexões são sobretudo um apelo a mais vida, a mais consciência, a mais ser, a maior felicidade.

Se nos limitarmos apenas à técnica e aos títulos, passamos ao lado da Via e estagnamos. O mero estudo da técnica, sem consciência, pode arrastar-nos para a violência onde o ego será rei. Teríamos então praticantes, quais robots, que passam ao lado da vida. Como frequentemente digo, alguns praticam o «Kaku no Budo», a prática unicamente corporal como um fim em si, em que o controlo do corpo físico e da vitalidade é tudo. São livres de escolher. Mas este tipo de prática é também um grande obstáculo que trava ou muito simplesmente por ignorância obscurece os objectivos mais elevados do Budo (Ku no Budo).

Para que haja vida, é preciso que em tudo haja diferença. Cada ser humano tem a sua singularidade, é pois único. Cada um dos seus instantes é único, incessantemente renovado, portanto sempre novo!

A reflexão desta minha mensagem incidirá ainda uma vez mais sobre o estudo do movimento.

Digo-vos muitas vezes: «Será que vedes o movimento?» As respostas são diversas. Uns não têm os olhos da experiência. O olho

experiente é sempre o reflexo da alma e do coração, que gostam de olhar o invisível. Quando o movimento for capaz de, na acção do gesto, transmitir o invisível, então, o movimento torna-se mensagem, palavra, silêncio. Os velhos mestres na Arte do Movimento (e não apenas do Budo), através do seu olhar, são capazes de sentir, de ver, de exprimir este saber que lhes permite olhar o que o invisível lhes transmitiu. Mas tal acontece apenas se aquele que o habita merece este conhecimento.

Muito poucos são os que entendem que o movimento está ali. E isto é válido na dança, na música, na pintura.

Cada praticante que trabalha seriamente pode utilizar a beleza do movimento que em si transporta no que sente.

Movimento de vida.

Movimento luz.

Movimento invisível.

Eis uma maneira de oferecer o seu gesto.

Dojo TenChi, Sintra, 9 de Setembro de 2008

Georges Stobbaerts